O Ensino de Semiótica em um Curso de Design - problematização do tema pessoas em situação de rua

Cayley Guimarães, **cayleyg@utfpr.edu.br** – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasilrograma de Pós-Graduação em Design, Departamento de Design e Exp. Gráfica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem metodológica de problematização para o ensino e aprendizagem de semiótica em um curso superior de Design sobre o tema: pessoas em situação de rua. Buscou-se refletir o papel do futuro profissional e da semiótica na criação de signos que foram planejados e executados para conscientizar os membros do campus universitário. Partindo da observação da realidade e entendimento do problema, constatou-se que a sociedade atual considera invisíveis as pessoas em situação de rua, fato que nos torna insensíveis à luta diária destes nossos iguais em humanidade. Estudou-se a maneira como um representamen incorreto (elementos representados e estéticos do signo) levam à criação, por parte da sociedade, de signos que produzem efeitos de rejeição e indiferença. Os exercícios da disciplina consistiram em analisar estas instâncias, e criar signos mais adequados. Criou-se uma instalação com estes signos que misturou o espaço urbano e universitário, trazendo para este os signos da precariedade daquele, de forma realista. Deu-se visibilidade e procurou-se tornar os alunos (tanto os aprendizes de Design quanto os demais membros do campus) em interpretadores do tema. Os alunos avaliaram o processo de ensino e aprendizagem da semiótica como valioso para a formação pessoal e profissional. Resultados de survey mostram que os interpretadores participaram ativamente da instalação: constatou-se elementos de choque, surpresa, reconhecimento, realidade e busca de ação na criação e na interpretação da instalação. À instalação, seguiu-se uma campanha de arrecadação de materiais de higiene, também criada pelo viés da semiótica, com grande participação.

Palavras-chave**: **Design, Instalação, Semiótica.

Teaching Semiotics in a Design Course - problematisation of the theme people living on the streets

Abstract

This article presentes the use of the problematisation methodology for teaching, learning, use and research of semiotics in an under-graduate course in Design on the theme: people living on the streets. The research aimed at reflect upon the role the future designer will have, and the use of semiotics, in the creation of signs that were planned and executed to raise awareness among members of the campus community. Starting from the observation of reality and the gathering of knowledge about the proposed theme, the learners concluded that society thinks about people living on the streets as being invisible, thus making us insensitive to the daily plight of our equals in humanity. It was studied the manner in which an illegitimate representamen (composed of representing elements and aesthetics of signs) lead to the creation of signs by the society that produce effects of rejection and indifference. The discipline exercises aimed at analysing such signs in order to make more adequate ones. An installation was created the that mixed the urban and university spaces, bringing to this the precariousness of the other, thus giving visibility to people on the streets, and aimed at turning the design learners and other students around campus as active participants of the installation and better informed interpreters of the theme. This way, a light was shed on the plight of people on the streets, allowing for discussions, changes in perception an attitudes. The interpreters of the installation became active participants, and contributors. The students evaluated the learning experience as valuable for their personal and professional lives. Survey showed that the interpreters actively participated in the installation, with a gamut of reactions: surprise, recognition, reality and desire to act as inoerpretants of the installation. After the installation, a campaign asked for donations of hygiene goods, with great participation.

Keywords: Design, Installation, Semiotics.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a apresentar a metodologia de problematização como ferramenta pedagógica eficaz no ensino de semiótica em um curso de Design. Os conceitos semióticos foram incorporados às estruturas cognitivas dos alunos de um curso de Design de forma transformadora. O tema problematizado versou sobre pessoas em situação de rua e serviu para mostrar como os conhecimentos adquiridos são aplicados no cotidiano do saber e do fazer do profissional de Design.

Definir o Design não é uma tarefa fácil, e depende da relação dos autores com o campo (ALVES e BATTAIOLA, 2014). Por exemplo, Flusser (2007) entende o Design como sendo a criação de soluções através de produtos, serviços e comunicações. Já Niemeyer (2016) nos diz que o papel do profissional de Design e a solução por ele gerada carregam uma responsabilidade social, de transformações; e a semiótica se insere neste contexto ao ajudar a criar as bases comunicacionais destas soluções. As soluções de Design, portanto, se revelam nas relações com os interpretadores – os sujeito que vão atribuir significado ao produto de Design. O ensino de semiótica nos cursos superiores de Design é bastante valorizado, conforme Santaella (2012), sobretudo no Design gráfico e de produtos. Considerando a análise do design em livro infantil, Ramos e Panozzo (2005) por exemplo, usam a semiótica para uma leitura da capa; e Bottom e Strey (2015) a utilizam para discutirem gênero.

Infelizmente, as práticas pedagógicas atuais nos cursos superiores de diversas áreas ainda são centradas na exposição de conhecimentos de maneira fixa e predeterminada, valorizando a memorização em detrimento do entendimento. Observa-se, então, uma carência de uso de abordagens metodológicas adequadas para que o aprendiz possa se tornar um participante ativo no seu processo de aprendizagem. Esta situação se agrava quando percebe-se um crescente aumento do conhecimento humano, o que demanda o uso de uma abordagem pedagógica como a Metodologia de Problematização, em que a realidade seja vista como algo a ser melhorado, transformando aprendizes e professores (LUCKESI, 1994; BEHRENS, 1999; NAKATANI, CARVALHO e BACHION, 2000; PEREIRA, 2003).

Concordamos com Berbel (2015), que propõe a Metodologia da Problematização em oposição à predominância da Pedagogia da Transmissão no ensino superior: entendemos com a autora que esta alternativa propicia um preparo do futuro profissional como um cidadão efetivo de uma sociedade em constantes mudanças. Similar à abordagem por problemas na medida em que ambas as metodologias trabalham deliberadamente com problemas para a criação do conhecimento, a Metodologia da Problematização propõe uma interação do aprendiz com o seu ambiente, em um cenário real. Os problemas são retirados da observação da realidade, que se apresenta de maneira complexa e desestruturada, o que requer do aprendiz e do professor que eles procurem atribuir significado a partir de seus conhecimentos prévios; e que atuem por meio de tarefas que os desafiem a ampliar seus conhecimentos: desenvolve-se uma consciência política e crítica (SHALL, 1999); e a aprendizagem se dá por meio de ação motivadora.

Este artigo apresenta o resultado da aplicação da metodologia da problematização no ensino e na aprendizagem da semiótica em um curso superior de design. Os aprendizes foram convidados a considerar o tema "moradores em situação de rua". Seguiram-se os passos da metodologia: observação da realidade, pontos-chave, teorização, construção de hipóteses de solução e aplicação à realidade prática. A metodologia se deu em uma disciplina de semiótica de um curso superior de Design. A disciplina contou com dezesseis (16) encontros semanais, com a duração de três (3) aulas cada encontro. Os conceitos básicos de semiótica foram discutidos nas seis (6) primeiras semanas. Em seguida procedeu-se à discussão do tema, a proposta e execução de uma instalação, tornando em prática os conhecimentos adquiridos.

Partindo da observação da realidade das pessoas em situação de rua, e do entendimento do problema proposto, tentou-se construir o signo semiótico que se depreende deste tema pela sociedade. Constatou-se que a sociedade atual considera invisível as pessoas em situação de rua. Esta visão, que permeia a nossa realidade, cria um objeto imediato de rejeição. Esta relação gera um interpretante que nos torna insensíveis à luta diária destes nossos iguais em humanidade. Trabalhou-se, então, sobre um tema que é facilmente ignorado e estigmatizado, em que o representamen (elemento de expressão e de estética do signo) não é de todo legítimo. A partir deste signo, cujo objeto imediato representa uma visão distorcida da realidade, viu-se que o interpretante leva a incompreensões, e a ações de rejeição e indiferença por parte dos interpretadores. Observou-se que as relações entre o objeto (do qual se fala), o representamen (o que expressa o objeto aos sentidos) e o interpretante (a compreensão que corresponde ao objeto pela mediação do signo) afetam diretamente os comportamentos.

Assim, a contextualização proposta para o ensino pautou-se na análise dos signos atuais e na criação de signos que trouxessem um interpretante mais adequado da situação precária das pessoas em situação de rua. Estes signos foram trazidos para o ambiente acadêmico com o intuito de promover conscientização através de uma instalação. A semiótica permitiu a análise dos signos atuais, e as ações a que eles levam. Buscou-se então quebrar os preconceitos gerais a partir da criação de signos cujos objetos dinâmicos (aquilo que se encontra no âmbito do real) e os objetos imediatos (materializado nos signos) apresentassem novas possibilidades interpretativas. Visou-se diminuir a disparidade entre o que se entende daqueles signos (que leva a ações repreensíveis) e destes (que poderia levar a soluções mais adequadas) sob a forma de um interpretante final futuro - uma possível conscientização. A semiótica foi usada para analisar e criar conteúdos de dados visuais (BANKS, 2009) de uma instalação sobre o tema.

O tema foi abordado por diversos prismas, sendo a semiótica a ferramenta central para a consolidação dos entendimentos. Em seguida, criou-se uma instalação que propunha a discussão do tema do espaço urbano para o espaço universitário, permitindo uma ampliação das discussões em cima da realidade e das especificidades do temas que de outra maneira eram tidos como dados. Ao se tornarem interpretadores da instalação, os alunos puderam expressar suas opiniões e reações, que foram validadas posteriormente. Isto corrobora a proposta de criação de objetos imediatos que representassem o objeto dinâmico em seus aspectos mais humanos, e que levassem a um interpretante igualmente desejado.

À instalação, seguiu-se uma campanha de arrecadação de materiais de higiene, também criada pelo viés da semiótica, com grande participação. Um survey online com cento e sessenta e dois (162) respondentes mostrou que: a instalação foi uma maneira importante para gerar discussões sobre a urgência do tema; que a estética usada nos signos (de papelão, de realidade crua) usando elementos conhecidos do tema facilitaram a significação pelo uso do código compartilhado. Adicionalmente, foram feitas cinco (5) entrevistas semi-estruturadas com os interpretadores, que confirmou que a

instalação atingiu seu objetivo de trazer a discussão da situação das pessoas em situação de rua para o campus.

A seguir, o artigo discorre brevemente sobre a metodologia de problematização usada; os objetivos da instalação; a teorização e o entendimento do tema "pessoas em situação de rua"; discute ainda a problematização do tema para a criação dos signos semânticos, gerados como hipóteses de solução; e apresenta um estudo do impacto nos aprendizes e demais alunos do campus. Parte do sucesso do ensino e da aprendizagem foram as discussões promovidas, e a participação ativa dos membros da comunidade na fase da campanha de arrecadação de materiais de higiene. Conclui-se pela validade e efetividade da metodologia empregada para o ensino e a aprendizagem de semiótica em curso de Design.

2. SEMIÓTICA E PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

A visão idealizada de um aluno participante ativo e dedicado, interessado e pró-ativo, contradiz as práticas usadas para desenvolver estas características (BERBEL, 1995), sobretudo no ensino e na aprendizagem da Semiótica (SANTAELLA, 2012; NIEMEYER, 2016). A exposição oral reproduz uma prática milenar, que coloca o professor como o detentor de saberes a serem transmitidos e reproduzidos. Quando muito, estes saberes são fixados pelos aprendizes em atividades/trabalhos para este fim, trabalhos estes que são, em sua maioria, copiados e que mantêm pouca ligação com a realidade do aprendiz. Esta pedagogia de transmissão de conhecimentos coloca o aprendiz como um ser vazio, passivo, buscando somente decorar e recuperar tais informações.

Observa-se que há um chamado mundial pela necessidade de mudanças na educação. Desde Freire (1975), em sua proposta de educação de adultos como prática de liberdade, sabe-se que esta metodologia de pura transmissão de conhecimentos acarreta consequências graves para o futuro profissional, que se depara com uma realidade para a qual não foi efetivamente preparado, sendo, portanto, incapaz de atender aos anseios da sociedade (FONSECA e FONSECA, 2016). Optou-se pelo uso da Metodologia de Problematização, como apresentada por Berbel (1995) e outros (PEREIRA, 2003; CYRINO e TORALLES-PEREIRA, 2004; ALVES e BATTAIOLA, 2014), para o ensino e a aprendizagem da semiótica como ferramenta social de transformação, associada ao tema "pessoas em situação de rua".

A metodologia problematizadora cria conhecimentos na vivência significativa, por meio de atividades de significação por descoberta (em oposição às de recepção passiva), em que os temas não são fornecidos de forma acabada, mas na forma de um problema a ser trabalhado. Deste modo, foi proposto à turma a criação de uma instalação que conscientizasse os membros do campus sobre pessoas em situação de rua. A disciplina de Semiótica é parte integrante do curso de Design de uma faculdade pública de uma grande capital do país; e consiste de 3 créditos (45 horas).

O tema foi problematizado de maneira a contextualizar o processo de ensino e aprendizagem, e propiciar a participação efetiva do aprendiz. A semiótica foi uma ferramenta de análise que ajudou a estudar os signos usados pela sociedade e que geram comportamentos e políticas ineficientes. Isto se deu constatando-se as relações erradas causadas pela inadequação da representação do fenômeno do mundo real pelo objeto imediato. Estudou-se como esta representação se deu carregada de estigmas que foram escolhidos para representar o objeto dinâmico. Buscou-se refletir, analisar e discutir os impactos, significados, atribuição de sentido, interações comunicacionais, debates e controvérsias em torno da pessoas em situação de rua como signo.

Desta maneira, a semiótica trouxe ferramentas de entendimento dos processos a que o tema é submetido pela sociedade em geral, e suas consequências. Ao representar as pessoas em situação de rua de maneira negativa, o que se segue são um conjunto de ações, reações, entendimentos e políticas públicas que não procuram resolver as questões inerentes ao tema. Antes, tais signos levam a exclusões. As discussões levaram os aprendizes a analisarem o problema de forma crítica, se valendo das ferramentas da semiótica, e criar signos para uma instalação que pudessem gerar interpretantes condizentes com a mensagem desejada. A instalação se propunha a oportunizar a conscientização sobre a precária situação de vida destes nossos iguais.

O uso da semiótica levou à criação de signos que facilitassem a decodificação de uma outra mensagem sobre este tema polêmico - entendido em sua complexidade maior, seus relacionamentos e representações. Os signos foram criados contendo de elementos de representação que pudessem ser reconhecidos pelos interpretadores ao evidenciar a realidade codificada. A materialização destes signos no ambiente acadêmico do campus de uma Universidade Federal de uma capital de um estado Brasileiro por si constituiu-se em mais um destes elementos de decodificação da mensagem – ou seja, a instalação trouxe uma representação que não era esperada no ambiente em que ela foi montada (BARDIN, 2011). Representou-se a temporalidade e a precariedade das condições reais das pessoas em situação de rua. Chamar a atenção e estimular discussões positivas sobre o tema foram a base motivacional da instalação. A seguir, o artigo apresenta um breve relato do referencial teórico sobre pessoas em situação de rua como discutido em sala de aula e usado para a criação dos signos.

2.1 Arquitetura hostil

Para o ensino da semiótica transformadora, em que os conceitos pudessem ser incorporados e utilizados nas mais diversas situações do mundo real de maneira eficaz (i.e. sem a barreira da reprodução de padrões pré-estabelecidos), a metodologia de problematização convida os alunos do curso de Design a analisar o tema sob o prisma dos signos existentes. Ao iniciarem este processo, uma solução de design existente neste contexto que trouxe signos controversos foi a observação da arquitetura hostil, apresentada como benéfica, mas que, com estudos mais aprofundados, mostrou-se uma forma de exclusão.

Como apreender a realidade por meio de conhecimentos prévios e incorporação de análise crítica do tema problematizado? Este desafio foi amplamente incentivado e se deu por meio de rodas de discussões em que os alunos traziam suas hipóteses e as analisavam de forma ampla, sobretudo sob o prisma semiótico.

No início dos estudos, viram no mundo real que em Junho de 2014, uma controvérsia dominou as mídias sociais Londrinas, referindo-se aos elementos de design e arquitetônicos que existiam em algumas áreas públicas, que restringiam o seu uso. Esta controvérsia gerou debates sobre o espaço público e pessoas em situação de rua do conceito que foi denominado "arquitetura hostil". Este conceito, suas práticas e representações criou signos e trouxe para o grande público o tema das pessoas em situação de rua e o design intencional de maneiras de excluir certas identidades, comportamentos e categorias de pessoas ocupando estes espaços (Petty, 2016). Esta inquietação foi trazida para a sala de aula de semiótica, e mostrou-se o tema de escolha do processo de ensino e aprendizagem para o projeto da disciplina.

Arquitetura hostil geralmente descreve o design de estruturas em espaços que os tornam inutilizáveis para certos grupos: uma cerca, uma grade, separações em bancos que impedem a pessoa de se deitar, barreiras de metais que impede o uso de skates etc. Esta forma de controle já é prática comum - pode-se usar um apito de alta frequência, cujo som só é ouvido pelos mais jovens, para impedi-los de permanecer por muito tempo em um shopping, por exemplo, pois o som os deixaria irritados.

O profissional de design, ao se deparar com estas configurações propostas pela sociedade hegemônica, precisa desenvolver competências para uma análise crítica e um posicionamento frente ao ocorrido. A aceitação pacífica do que parecia ser uma imposição injusta merecia uma autonomia política e de entendimento que pudesse gerar opções de ação (FREIRE, 1975). Discutiu-se, então, as maneiras como o discurso sobre o tema foi construído. Observou-se que a premissa da criação destes mecanismos era a de que estes espaços públicos tinham um uso pré-definido, que deveria ser o único possível. A análise semiótica desta premissa mostrou que o signo gerado procura congelar em um único objeto (usos e usuários do espaço público) em uma possibilidade excludente (somente determinados grupos podem usar este espaço público) um tema que é mais universal e complexo. Esta construção imposta não dava conta das múltiplas facetas do tema, e restringia as possibilidades de ação.

Este signo, que representa a pessoa em situação de rua como sendo não-pertencente a um determinado local, leva a um interpretante de expulsão. Diante desta compreensão, foi possível aos alunos trazerem o signo proposta pela sociedade para a pessoa em situação de rua para o pessoal, o individual em relação ao coletivo. Quais seriam as implicações desta escolha de design? Considere um desdobramento em que este signo proposto levasse a um interpretante em que o interpretador seria igualmente expulso do espaço público. Qual seria o impacto no seu cotidiano? Como isto iria influenciar a sua compreensão da realidade? Qual seria então a relação com este signo? Como a empatia poderia fazer parte desta construção social? A figura 1 mostra uma inserção que chamava a atenção para a arquitetura hostil:



Figura 1: Arquitetura hostil: E se você não pudesse se assentar aqui.

A inserção mostrada na figura 1 explica o conceito da arquitetura hostil, e convida o interpretador a considerar as implicações desta prática. A semiótica contribuiu para a percepção dos objetos e seus signos, e suas possibilidades de representação. Por exemplo, os alunos viram que Petty (2016) levanta a questão da securitização de espaços urbanos para estigmatizar as pessoas em situação de rua. Seria esta a real motivação? Quais são as causas, implicações e consequências? A controvérsia gerada partiu de uma posição de real entendimento e resistência da sociedade em relação a estes processos excludentes?

Por sua vez, há que se considerar Scott (1998), que aponta que a situação transiente de pessoas em situação de rua é, de longa data, identificada com alteridades, o "outro" que não sou eu. Este outro são pessoas, que trazem em si relatos trágicos de exclusão, estigmatização e tratamento punitivo. Eles são vistos com base em um modelo patológico e de culpa, ao invés de resultante de um processo de diversas práticas sociais, culturais e econômicas, tais como pobreza, desemprego, educação, oportunidade, entre outras.

Garland (1985) aponta que as intervenções de políticas tanto públicas quanto privadas mudaram do estado de bem-estar para o de punição, com leis baseadas na condição, no caráter e no estilo de vida. A sociedade mudou atitudes, deixando de fornecer suporte e ao invés, implementar e instituir a punição. Além de se querer manter uma "estética" do aceitável, o design de locais públicos pretende excluir o indesejável. Segundo White (2012), a estética (beleza, limpeza, higiene etc.) tem se tornado um uma preocupação central no design de espaços públicos, com uma idealização do limpo, estéril, atrativo, seguro, confortável - e sobretudo, uma estética que nega a diversidade urbana e exclui representações de falhas, pobreza e desordem.

A semiótica serviu de ferramenta para consolidar estas perspectivas. Que mensagem estas práticas tentavam passar? Para qual público? Estas mensagens eram embasadas na realidade? Qual a realidade dos espaços e seus usuários? Como esta mensagem era recebida pelos diversos grupos cuja interseção e interação ocorria nestes espaços públicos? O consenso que emergiu das discussões foi o de que o design estava sendo usado para criar situações consideradas perniciosas. Entendeu-se a necessidade da participação cidadã nos processos de design.

2.2 Observação da realidade

Conforme levantamento feito no âmbito da disciplina, o número de pessoas em situação de rua nas capitais de estados Brasileiros surpreende pela quantidade e pela variedade das pessoas, de maneira que a sociedade já não mais as nota – estas pessoas são invisíveis, e a maioria não existe nem mesmo no papel (i.e. oficialmente), de acordo com Dimenstein (2012). Esta escolha da sociedade de representar de imediato a exclusão leva a interpretantes que são desumanos.

A análise semiótica das pessoas em situação de rua permitiu determinar que elas são nossos iguais em humanidade. No entanto, não há solidariedade para com elas, no sentido que passam desapercebidas, e não pertencem a um grupo social "aceitável" (DURKHEIM, 2012). E não são apenas as instâncias governamentais que as ignoram: também o fazem a sociedade de desigualdades. Novos signos são necessários para trazer a dura realidade destas pessoas para o espaço acadêmico e seus interpretadores, para mudanças. Considerou-se que um signo pode ser construído para transmitir uma mensagem que provoque questionamentos e mudança de percepção (NIEMEYER, 2016).

O entendimento das dinâmicas sociais que tal tema provoca não é uma tarefa trivial. O número de pessoas

dormindo nas ruas tem aumentado, e há poucos estudos que abordam as suas representações e significados destas representações. Há diversas agências governamentais e não-governamentais trabalhando para mitigar o problema, a partir das interpretações que estes organismos têm da situação. Mas basta atentar para a quantidade numerosa e diversa de definições e conceitos sobre o que vem a ser uma pessoa vivendo na rua (NHCHC, 2017) para vermos a complexidade do tema, e a dificuldade de gerar soluções efetivas (AGAMBEN, 1993). Como pensar sobre as implicações do problema se não entendemos os mecanismos em que ele se produz? Qual é o significado que os interpretadores atribuem a essas pessoas? Como se pode abrir um fórum de debate, e promover re-significações de entendimento e ação? A semiótica foi usada para refletir sobre tais questionamentos e provocações deste tema social: como criar signos que representassem as condições e propusessem aos interpretadores uma relação diferente com o tema? A instalação colocou estes signos em um novo espaço de significações (i.e. o do campus universitário) como uma forma de marcar, expressar e redefinir o cenário, através da possibilidade da ação contínua que os signos nos oferecem (BRUNER, 2006).

O tema foi debatido em sala de aula, com o objetivo de embasar a criação dos signos para a instalação e posterior campanha de arrecadação de material de higiene pessoal. As duas propostas (a instalação e a campanha de arrecadação) tinham objetivos diferentes: a instalação deveria chamar a atenção para o problema, e a campanha seria para convidar os interpretadores a participarem com doações. A instituição foi avisada sobre a instalação, bem como o pessoal do setor de limpeza (uma vez que foram usados materiais que remetiam à real condição das pessoas em situação de rua, como papelão e sacos de lixo) e a equipe de Segurança. De resto, a instalação foi montada à noite, e amanheceu no dia seguinte, sem nenhum aviso, cartaz, panfleto – inconveniente, como as condições que se pretendia mostrar.

2.3 Pontos Chaves

A metodologia de ensino proposta foi fundamentada em discussões sobre a semiótica, o design e as pessoas em situação de rua. Definiu-se como atividade, a criação de uma instalação de design que pudesse oportunizar situações de aprendizagem dentro do campus. Os conhecimentos levantados acerca do problema podem ser assim esquematizados:

a) A semiotica - A semiótica nos diz que não há comunicação, interação, previsão, compreensão, atribuição de significados sem signos: todo pensamento é processado como um signo, e qualquer pensamento é a continuação de outro, que continua em outro e assim sucessivamente. Somos continuamente convidados pelos signos a significar nossos pensamentos, sistemas de crença, linguagens e processos cognitivos entre outros. A semiótica procura descrever e analisar no fenômeno a formação do signo e seus aspectos de comunicação de valores, conceitos, significados (WALTHER-BENSE, 2000). De maneira consciente ou não, mas certamente de forma deliberada nesta instalação, os signos mostrando a falta de dignidade colocavam o interpretador em processo de significação. Procurou-se tornar visível as condições abjetas em que as pessoas vivem nas ruas; mostrar o quão insensíveis às suas mazelas nos tornamos (ALLISON, 2012).

b) O Design pode ser considerado como um processo de resolução de problemas, que inclui a comunicação desta solução. Os projetos de design devem levar em consideração o impacto que estas soluções irão causar nos interpretadores, de maneira planejada, via signos. O design é responsável por mais que a simples realidade material, mas, essencialmente, ele exerce funções comunicativas: para além da visualização do discurso, é uma linguagem entre outras para comunicação visual que cria sentidos (SANTAELLA, 2012) e dissemina conceitos (ECO, 1986).

c) As percepções dos membros da comunidade do campus universitário acerca das pessoas em situação de rua revelam a respeito da sociedade em que vivemos? “Não há nada que eu possa fazer”, ou ainda temos falas sobre “o governo é responsável por cuidar deles” – estas são algumas das falácias atrás das quais são escondidos medos, culpas e omissões (ALLISON, 2012). As capitais de estados Brasileiros estão repletas de pessoas precariamente nas ruas (mesmo aquelas que possuem casa, família, um emprego, como a chamada “formiguinha”, pessoa que realiza a função de limpar as ruas – mas moram longe, e não têm condições de se deslocar diariamente para o trabalho). Diversos são os motivos que levam alguém a fazer da rua o seu lugar de dormir, às vezes, temporariamente, pela falta de recursos para a condução, por exemplo.

2.4 Teorização

A categoria em que se encaixam as pessoas em situação de rua é complexa e mais abrangente do que se pensar apenas em pessoas que não possuem casa. Associadas a estas pessoas, há uma série de práticas e comportamentos atribuídos de forma estereotipada - esmola, assalto, doença entre outras (ARNOLD, 2004). Todas estas possibilidades de representação levam a signos diferentes, com interpretantes diferentes. Quais são estes signos e interpretantes?

Na busca de explicação e entendimento dos elementos presentes na vida das pessoas em situação de rua usados nas representações, foram feitas diversas análises. Sobretudo, o encaminhamento pedagógico desta prática não tratou de pessoas sem casa. Tratou de pessoas que vivem à margem das condições humanas básicas, as quais tomamos por certas em nossas vidas. A classificação oficial do que seja uma pessoa em situação de rua varia de país para país, e até mesmo de agência para agência dentro dos governos. Estas concepções são usadas para a implantações de políticas públicas que em sua maioria são inadequadas para abordar o problema. Por exemplo, o National Health Care for the Homeless Council (NHCHC, 2017) lista uma série de definições, de diversas agências governamentais Americanas, que elencam alguns pré-requisitos para que o indivíduo possa ser considerado morador de rua (e.g. não ter residência principal; ser morador de abrigos; não ter condição permanente de moradia). No Brasil, o primeiro Encontro Nacional Sobre População em Situação de Rua, realizado em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome por meio da Secretaria Nacional de Assistência Social assim definiu os moradores em situação de rua:

> Grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelido a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente (BRASIL, 2006, s.p.).

Observa-se que esta definição não considera a já citada situação da “formiguinha”, que se encontra na mesma condição de vários outros que têm emprego, mas não recebem

o suficiente para se deslocarem entre casa e emprego - dormindo na rua durante a semana, e somente voltando para casa nos finais de semana. Por meio destas diversas definições, estamos falando de pessoas que sociedade rotula como incapazes de contribuir; inúteis; perdedores. Pessoas que não são produtivas; que não consomem: vidas perdidas, como diria Bauman (2003), em uma sociedade em que objetos materiais substituem relações (BAUDRILLARD, 1997) em uma sociedade do supérfluo. Uma sociedade do consumismo, da posse como expressão e reprodução de padrões, disfarçados em escolhas pessoais (BOURDIEU, 2007). Mas as pessoas em situação de rua, em sua maioria, não têm escolhas. Como deve ser o design de instalação para passar uma mensagem diferente, de ação; como fazer o interpretador receber esta mensagem?

Do ponto de vista das políticas públicas, os poucos questionamentos que surgem não se transformam em ações concretas que sejam efetivas – por exemplo, existem abrigos públicos, mas estes se encontram vazios, pois a pessoa se sente insegura em pernoitar ali e ser atacada e/ou roubada. Adicionalmente, temos as pessoas, que não vão para o abrigo pois lá não se pode beber. Esta proibição da bebida não vem acompanhada de um encaminhamento para o tratamento desta cruel doença da dependência. Hacking (1999) mostra que as políticas de silêncio manipulado a respeito das pessoas em situação de rua são consideradas como as mais poderosas formas ideológicas de silêncio no discurso público.

Durante os estudos, os aprendizes não se pautaram pela exclusão, pela falta, pela exceção que ameaçam as possibilidades de pertencimento (ELMORE, 2008). Antes, procurou-se entender os processos que levaram as pessoas ao seu estado atual, e os mecanismos que poderiam auxiliar na conscientização. Esta abordagem difere da visão predominante, em que o não-ser é excluído da comunidade: passamos por ele em sua invisibilidade de não-conformação com a nossa sociedade (DAY, 2006). Agregam-se a este estado de coisas medidas hostis que são tomadas para expelir ainda mais, para mais longe: as chamadas arquiteturas hostis – uma tendência de projetar os espaços públicos para serem desconfortáveis, não-usáveis, local de não-permanência, para garantir a ausência da presença (PETTY, 2016). Agindo assim, a comunidade existe para demarcação de limites para os que são nossos semelhantes, no espaço público que é nosso: nosso jardim, nossa rua, nosso passeio, nossa universidade. É a comunidade de fronteiras fechadas, e a experiência de comunidade é a de cruzar fronteiras: o outro que excluímos nos nega, nos define pelo que não somos. Quando em contato com este outro, somos obrigados a sentir, ver, constatar: o cheiro, a sujeira, o cabelo desregrado, a falta de dente – e nos reafirmamos: não somos isto (DELEUZE, 1994; DELEUZE e GUATTARI, 1992).

A precariedade é a maneira que nossas inseguranças diárias da condição humana são estruturadas (por exemplo, a falta de políticas adequadas por parte das instituições, a falta de ação solidária). Estes conceitos, segundo Curry (2015) são mais sociológicos que econômicos. Estamos falando do invisível que revela nossos medos, ameaças, incertezas e preocupações sociais (DAVIDSON, 2013). O fenômeno aparece na mídia estabelecida como uma doença a ser removida tanto de nossos pensamentos quanto de nossa presença física – "que sejam colocados em ônibus e mandados para longe daqui"; "aqui não é o seu lugar", dizeres com que muitas vezes nos deparamos em nosso cotidiano. As pessoas em situação de rua são a manifestação de tal epidemia, a ser ignorada, rejeitada. Elas podem estar fisicamente presentes, mas várias formas de proibições tentam apagá-las, criminalizando a condição humana (HARITAWORN, KUNTSMAN e POSOCCO, 2014). Este interpretante, originado da representação perversa, exacerba e obscurece o fenômeno, aquilo que é mais real; e impede a adoção de medidas de verdadeiro impacto positivo. Por exemplo, ao se deparar com pessoas em situação de rua concentradas em "suas propriedades", geralmente nos muros e passeios, a ação é a de chamar o órgão público para que sejam recolhidos e levados a um albergue. As pessoas em situação de rua que se recusam a serem conduzidos são "taxadas" de vagabundos, ingratos, que não desejam ajuda. Não se considera a real necessidade: as regras impostas para a pernoite no albergue público não atende às necessidades - não se pode fumar, não se pode conversar, não se pode levar os parcos pertences, entre outras exigências. Uma delas, a mais cruel, é a de que se deve tomar banho, banho este que é frio, em uma cidade em que as temperaturas no inverno não raro chegam a valores negativos.

A figura 2 mostra uma das peças da instalação: "alguém/ninguém" dormindo em um beiral de muro. O objeto dinâmico, ao ser transposto como objeto imediato no contexto acadêmico, causou estranheza, e suscitou questionamentos. Para alguns, o momento de reflexão propiciou uma oportunidade de fazer uma relação de humanidade, e um interpretante de solidariedade. Para outros, manteve-se o mesmo signo já conhecido (e a ação do signo foi fazer com que se chamasse a segurança para remoção do "mendigo"). Em ambos os casos, abriu-se um canal de debates e oportunidades de novas compreensões, que era o objetivo de design da instalação. Note que a peça mostra esta pessoa dormindo sobre papelão, ao tempo, exposto ao clima, à chuva leve que caia, e bem na beirada de um parapeito, correndo o risco constante de cair:



Figura 2: Eu durmo aqui.

A figura 2 mostra uma das peças que causou grande impacto e discussões: foram observados interpretadores considerando que seria uma pessoa real; outros membros da comunidade do campus se afastavam da peça, andando do outro lado da passagem. A equipe de segurança da universidade foi acionada pelos interpretadores para que alguma providência fosse tomada (como a equipe de Segurança já havia sido informada, não houve incidentes). Quando começou a chover, durante a instalação, algumas pessoas se dirigiram à peça, para tentar acordar "a pessoa" para tirá-la da chuva (um comportamento interessante, pois não é o que se observa na realidade da rua). Podemos pensar que a presença do inusitado, no ambiente da universidade, tenha provocado todas estas reações e, quem sabe, re-significações.

Zizek (2014, p. 24) nos diz que temos nossas molduras através das quais a fantasia sujeita a realidade, "[...] e o choque vem quando o real invade esta realidade". Qual é esta moldura, qual é esta realidade? O que provocou estas reações diversas por parte dos interpretadores ao se depararem com a vívida experiência produzida pelas peças da instalação (DAVIDSON, 2013)? É especialmente interessante questionar estas reações considerando o fato da instalação ocupar o espaço reservado aos interpretadores: podemos ter alguma pista de exemplificação da dissonância entre realidade – o universo social de ideias e opiniões convencionais em que vivemos – e a traumática e absurda brutalidade do real (ou seja, a indesejável presença das representações e seus significados trazidos pela instalação).

Concordamos com Dimenstein (2012) quando diz que a sociedade Brasileira aparenta ter se acostumado com pessoas em situação de rua, devido à sua numerosa presença, o abismo social, cultural e econômico que nos é característico, casado com a indiferença pelo mais fraco. Alguns alarmistas temem estarmos à beira do colapso social (temor que se manifesta nas ocupações de cunho militar nas favelas, sobretudo no Rio de Janeiro). Andar pelas ruas das grandes cidades Brasileiras é o suficiente para encontrar tais pessoas: elas vendem balas, pedem esmolas, fazem malabarismos, limpam o vidro do carro entre outras tarefas que incomodam. Estas situações se tornaram corriqueiras e banais a ponto de não mais prestarmos atenção a elas. Mas nem todas estas pessoas são moradoras de ruas, porém todas são excluídas – um assunto complexo (DIMENSTEIN, 2012).

Um outro conceito discutido foi o de Casa. Casa é construção. Lar é construção. Casa é tijolo e concreto. Lar doce lar ecoa sentimentos: estamos em casa quando nos sentimos em casa – estamos em ambientes agradáveis, e não meramente entre as paredes de espaço e tempo que nos pertencem. Lar é onde nos sentimos livres, onde recebo meus amigos; é onde tenho privacidade; onde a minha tranquilidade é garantida. Aqui eu durmo, descanso, relaxo, leio. É o lugar em que nasci e fui criado. É o local onde faço minhas refeições, cuido das minhas coisas, lavo as minhas roupas. É a minha raiz, minha família e as lembranças da minha infância. É onde guardo meus sonhos, segredos e esperanças. A rua é a casa destas pessoas? Diante de todos estes aspectos, quais as representações possíveis? Quais os significados estas representações codificadas em signos transmitem?

2.5 Escolhas de solução

Como já vimos, algumas representações foram sendo levantadas e analisadas, e nortearam o desenvolvimento da instalação. Quem são as pessoas em situação de rua? Como elas vivem? Porque o entendimento comum a respeito delas é de que elas não têm casa? Como é a casa? É alugada? Emprestada? É casa própria? Mora-se com parentes, amigos? Como é possível que alguém possua casa, e ainda assim se coloca em situação de rua? Esta situação é permanente ou temporária? Não importa: casa é o que nos separa, e é o que nos liga ao mundo. Temos então que a rua é a casa daqueles que querem escapar. Escapar de uma condição desumana; da violência doméstica, do abuso, das responsabilidades, dos medos, das rejeições. Considera-se em casa aquele que encontra a paz restauradora da proteção debaixo da ponte. Encontra-se deslocado (i.e. sem casa) aquele que é confrontado com a própria condição (VIDLER, 1992).

Como podemos entender o que vem a ser uma pessoa em situação de rua, fora da restrição imposta pela representação "casa"? A casa provê abrigo e identidade, fornece autenticidade ao indivíduo. Ela ancora o que é familiar. Pode se constituir em um lar. A casa legitima e protege. Lar não é casa, mas um significante de casa. Por exemplo, Miller (2010), ao aplicar a sua antropologia material a casas e lugares onde as pessoas moram, nos mostra que a arquitetura e o design destes lugares não levam em consideração os seus habitantes. Em lugares como a Índia, diz o autor, o conceito de casa se difere vastamente do conceito de casa na Indonésia e no Brasil. Mas todas cumprem o papel da aceitação, da inclusão, do pertencimento. No caso das pessoas em situação de rua, a casa é o local em que se sentem mais à vontade. Isto esconde, mascara a real situação a que estas pessoas estão sujeitas. Sem se considerar estas questões, nenhuma política pública pode ser eficaz. E nenhum interpretador pode ter a real dimensão da mensagem de humanidade e dignidade que se queira mostrar. Então, esta dissonância entre o *representamen* que não corresponde à realidade, leva a um interpretante de rejeição.

A Figura 3 mostra outra peça da instalação: um tapetes de boas vindas, com sandálias fora ("para não sujar"), e um sinal "Lar doze Lar" (sic). É uma peça extremamente simples, mas carregada de significações, conforme pretendido. Procurou-se criar um signo cujo objeto imediato fosse a "falta da casa", na medida em que mostrava exatamente um ideal de boas vindas a uma casa impossível. A expressão de cuidado e hospitalidade do signo contrasta com o interpretante de rejeição, e busca trazer o de acolhimento.

A entrada é claramente a de um bueiro. Esta peça provocou diversas discussões sobre a realidade das pessoas em situação de rua: alguns aprendizes comentaram que já viram crianças saindo dos bueiros; outros comentaram que os vendedores de mercadorias como cigarro, balas e frutas guardam estes produtos nos bueiros, de onde os ambulantes tiram estes produtos para vender aos motoristas. Os cuidados tomados pelo "morador", com o tapete acolhendo os visitantes, o chinelo para fora, para evitar sujar, o cartaz com os dizeres afirmando ser ali um lar, apesar de tudo. A peça mostrada na figura 3 é parte das significações propostas pelos signos da instalação: explicitar as contradições.



Figura 3: "Lar Doze Lar"- é aqui que eu moro, seja bem-vindo à minha casa.

O signo apresentado na figura 3 discute "casa" como representação dos cuidados e seguranças que lhes são inerentes. Na próxima seção falamos um pouco da criação da instalação.

2.6 Aprendizagem significativa

Na aprendizagem significativa, Ausubel, Novak e Hanesian (1980) consideram o conhecimento como sendo o fato mais importante - desta forma, temos que a nova informação baseia-se em conceitos que já fazem parte da estrutura cognitiva do aluno. Desta forma, o material apresentado vai ser usado para reflexões, e para incorporação à estrutura cognitiva, sendo considerado potencialmente significativo. Foge-se, assim, da mecanização (memorização), uma vez que o conteúdo é lógico e de natureza potencialmente significativa. O convite de ensino da semiótica por meio da aplicação prática em uma situação real de design proporciona este processo.

De acordo com Cilella (2011), as representações são um processo crucial de desenvolvimento, em que se entende ideias, desenvolve habilidades, promove a motivação e se assume papeis sociais. A aprendizagem proposta baseia-se em conhecimentos prévios para apresentar o conhecimento novo. Histórias, por muito usadas como encaminhamentos pedagógicos na educação humana, ajuda a desenvolver o contexto de ensino e aprendizagem, aumenta a motivação e incentiva a participação no processo de aprendizagem, fornecendo narrativas em que uma ação influencia as interações necessárias. As interações sociais ajudam o aprendiz a internalizar pensamentos, criar e compartilhar conhecimentos, formar conceitos abstratos e complexos. O gerenciamento cognitivo e as interações criam uma rede de estratégias de pensamentos usadas para se entender o mundo - pode-se dizer que a criação do conhecimento se dá por meio de interações intelectuais.

Dessaintes (1960) nos diz que a situação, o ambiente, as interações sociais e comunicacionais se combinam para dar forma ao conteúdo e seu significado, de maneira intelectual, que requer e desenvolve inteligência. Giombini (2006) complementa dizendo que ao aluno deve ser oferecido o máximo de informação possível, pois em dado momento há mais do que os olhos vêm, em áreas a serem exploradas pela aprendiz. O autor diz que nada é vivenciado isoladamente, mas sempre em relação às adjacências, aos eventos, ao ambiente, às memórias e conhecimentos prévios.

3. DESIGN, SEMIÓTICA E PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

O ensino da semiótica no design seguindo a metodologia de problematização nos leva a considerar a sua aplicabilidade prática. Parte do Design usa as ferramentas da semiótica para o entendimento do problema, uma compreensão melhor do estado das coisas. Viu-se que o tema é polêmico, e que os interpretantes levam a ações indesejadas. Enfatizou-se o poder explicativo do modelo de significação como a relação entre o representado, o que representa e aquilo que pode ser compreendido. Grande parte dos estudos focou-se na busca da compreensão dos fenômenos, suas representações e seus interpretantes. Vários exercícios foram feitos para se discutir estas relações.

O Design pode ser considerado como a articulação de signos para transmitir uma mensagem através de representações que são parte do processo de comunicação que se materializa nos signos (ECO, 1986). Nas capitais de estados Brasileiros, bem como em qualquer cidade de porte no Brasil e no mundo, há pessoas em situação de rua, cada uma com sua própria história, preocupações e necessidades. Para representar estas diferenças, os signos precisam ser capazes de representar a diversidade, as particularidades, os códigos que vão transmitir a mensagem e que serão usados pelos interpretadores para atribuição de significado.

A semiótica ilumina o processo no qual se dá a construção de um sistema de significação". A criação de signos cuja sintaxe fosse semelhante à sintaxe da condição de pessoas em situação de rua foi parte importante para transmitir a mensagem desejada (BARDIN, 2011). Pode-se dizer que foi um processo lento e interessante, que levou os aprendizes a quebrarem o valor estético de uma beleza clássica, para chegar nos signos que representassem a realidade e transmitissem a mensagem com clareza.

3.1 Práticas pedagógicas de uso da Semiótica

Os aprendizes foram convidados a pensar os signos das pessoas em situação de rua em diversos momentos. Primeiro, discutiram-se os objetos e suas representações que pudessem explicar os valores do "senso comum" que geralmente são encontrados na sociedade. O uso tradicional da compreensão semiótica, considerada para fins analíticos, baseou-se no interpretante e nas possibilidades de interpretação propostas pelos signos que se apresentam em relação à pessoa em situação de rua, conforme discutido anteriormente. O objeto componente do signo, por inadequado, leva a relações ilegítimas, com interpretantes que beiram o preconceito.

Por exemplo, discutiu-se que um signo que apresenta o morador em situação de rua como sendo um marginal pode levar a interpretantes diversos. A representação vem para o intérprete como signo (um assunto no mundo que determina um signo) que produz outros signos a partir do qual pode-se compreender alguma coisa deste objeto. O interpretante imediato (gama de sentidos possíveis a partir de suas características) poderia significar uma possibilidade de assalto, o que levaria ao medo, e não teria nada a ver com a real pessoa em situação de rua. O interpretante dinâmico é palpável, e não apenas possível, é a expressão da crença de que há uma relação entre a rua e a marginalidade. O interpretante final (nem possível nem concreto, mas de ação futura) torna-se uma tendência errônea de generalização, afetando, por esta compreensão da realidade, os comportamentos.

Desta forma, temos uma prática de uso da semiótica para explicar o signo e seu significado a partir da relação entre o objeto representado, aquilo que o signo apresenta e aquilo que em última instância pode ser compreendido. Via de regra, tem-se então a mediação, que leva à terceirizada (consideração do fenômeno como tendência, geral, previsível, regular - no caso, os preconceitos se tornam "aceitáveis", reproduzíveis e geradores de comportamentos e políticas públicas inadequadas, mudando o mundo por meio da mediação do signo.

Assim, as práticas pedagógicas focaram um tema geralmente ignorado, estigmatizado, desconhecido e carregado de preconceitos. Viu-se a maneira pela qual *representamen* ilegítimo (o elemento apresentador e estético do signo) tem o poder de criar rejeição, preconceitos, indiferença, atitudes e políticas contraproducentes. Tanto o objeto dinâmico, quanto ao índice proposto pelo signo, assume centralidade na busca incessante de entender o mundo - o que às vezes é influenciado pelas nossas percepções do existente.

Verificou-se, desta forma, o poder do signo, que, ao representar o fenômeno, pode trazer em si distorções que acarretam consequências. Continuando a exemplificação, vemos que se a pessoa em situação de rua é representada como sendo alcoólatra, ao invés de ser oferecido tratamento médico, constatou-se que um pedido de dinheiro para comida é descartado como sendo um pedido para compra de bebida. Este interpretante chega ao extremo da pessoa em situação de rua ter o dinheiro, e pedir a um cliente na porta de um restaurante ou padaria para comprar algo pois "o dono do

estabelecimento proíbe a entrada". Outras vezes, ao invés do dinheiro, oferece-se o alimento, que é recusado. Esta recusa do alimento por parte da pessoa em situação de rua reforça o interpretante de que o dinheiro pedido era para outros fins. Na prática, este signo não considera possibilidades outras como talvez ser o caso da pessoa em situação de rua não estivesse com fome exatamente naquele momento. Tira-se, então, a liberdade da pessoa de comer no momento que melhor lhe apraz. Um signo similar, com uma representação da ação de pedir dinheiro, leva a um interpretante de não se oferecer o dinheiro, "que é para comprar cachaça", mas de se oferecer um serviço, geralmente doméstico, a ser pago (por exemplo, limpar uma calçada, varrer um pedaço da rua, aparar a grama etc.). Novamente, este signo desconsidera a possibilidade de a pessoa não ter condições de executar tais tarefas - seja por estar debilitado, doente, com fome entre outras condições.

E a lista das inadequações sígnicas que levavam a interpretantes potencialmente ilegítimos foi grande: um objeto que representa um viciado em drogas é visto como um marginal, que pode atacar o transeunte, e portanto, deve ser evitado (ou pior, deve ser atacado em primeiro lugar). Além das notícias nacionais de agressão a esses moradores, como atamento de fogo, os alunos puderam relatar experiências de agressões outras, como espancamento. Um signo que traz como objeto um sujo leva à relação de que o mesmo traz doenças e cheiros desagradáveis, e ao invés de se providenciar higiene (interpretante desejável), tem-se um interpretante de reação preconceituosa que leva à expulsão, para que o "sujo" não conspurque o "meu espaço".

Um signo cujo objeto considere a pessoa em situação de rua como "invasor" do espaço" leva também a um interpretante de remoção, muitas vezes de forma agressiva - jogando-se água fria, ou chamando-se a polícia, ou o serviço de remoção para albergues, conforme discutido anteriormente.

A instalação proposta usou signos semióticos para representar algumas destas contradições, que levam o signo a produzir seus efeitos sobre a sociedade em geral em relação às pessoas em situação de rua. O pragmatismo, que faz parte da formulação do real e do julgamento de valor de verdade na semiótica peirceana, nos mostra como os signos agem sobre os fenômenos, mediando a terceirizada, que vem a ser a lei, a tendência, o "aceitável". Discutiu-se também como estes signos influenciam outros signos, alimentando-os, em um ciclo vicioso que de forma sistêmica agrava e perpetua desentendimentos (os signos têm caráter histórico, social, político, cultural, e não apenas uma atuação de forma isolada). Este entendimento do signo em um contexto foge um pouco do caráter construtivista, em que o signo age de forma autônoma, e corresponde a uma melhor elaboração do interpretante imediato, que vem a ser uma gama de interpretabilidades. Remete-se à Santaella (2012), que nos mostra não haver uma ruptura entre a criação do signo e a realidade à qual ele se refere: no universo do sentido, temos que é a relação entre os signos que permite adaptar-mos ao mundo. Isto corresponderia ao objeto dinâmico, tal qual ele é fora da semiose. Assim, por exemplo, teríamos uma visão mais ampla deste objeto que pudessem gerar objetos imediatos que permitissem uma expressão e um interpretante outro que não o do preconceito.

Os estudos fizeram o papel de mostrar aos aprendizes que a maneira como um objeto imediato é criado, o modo como ele escolhe apresentar e representar a realidade no discurso e na ação, de uma forma preconceituosa, leva a uma construção de interpretantes ilegítimos; o objeto dinâmico mais adequado serve para promover a mudança de conceitos. Evidenciou-se, portanto, estas inconsistências dos signos atuais, que geram as ações de rejeição por terem sido criados com objetos imediatos baseados em conceitos errados. Buscou-se desta forma tornar explícita e levar ao questionamento as relações ilegítimas, para que os novos signos propostos pudessem criar, a partir da instalação, a possibilidade de novos interpretantes, mais condizentes com a realidade e as necessidades. E, ao se realizar a instalação em um ambiente inusitado, procurou-se uma maior re-significação destes signos no que se refere às condições destas pessoas (PEIRCE, 2008). A proposta é de atingir o volúvel conhecimento do mundo de maneira mais abrangente e realista para que os interpretadores pudessem refletir sobre a simples percepção do fato, um *musement*, uma forma de de se obter um olhar novo ao que já está posto, de mudar conceitos. Os interpretadores não sabiam que haveria, posteriormente, uma campanha para arrecadação de materiais de higiene pessoal, sobretudo de absorvente feminino (mas também sabonetes, escova, desodorante etc).

3.2 O *Briefing*

Propor o design de um projeto de uma situação problemática (a instalação sobre pessoas em situação de rua), com o objetivo de transformar uma situação problemática (conscientizar membros da comunidade acadêmica a respeito desta situação) de maneira que o design seja interessante e incorpore conhecimentos novos (tais como os conceitos de semiótica) foi um desafio que foi entusiasticamente aceito. Os aprendizes se dedicaram a debater o tema usando a semiótica como ferramenta não apenas de entendimento do problema, mas de criação da instalação visando a produzir signos que levassem a interpretantes adequado sobre pessoas em situação de rua. A instalação foi construída de forma coletiva (não havia autoria individual, e todos os aprendizes manifestaram consentimento de uso das imagens, cartazes e peças para fins acadêmicos. Foi passada uma explanação dos objetivos e características da instalação, de maneira que os alunos pudessem entender a comunicação proposta, sua representação, e os conceitos envolvidos.

Mais que um briefing, apresentamos um guia para a criação da instalação, na forma de uma proposição geral de design, descrevendo as ideias e valores, com metas, de maneira a atender a cinco questões: quem, o que, quando, onde, por quê (AMBROSE, HARRIS, 2011):

QUEM - o público da instalação consiste em membros da comunidade acadêmica (alunos, professores e funcionários do campus).

O QUE - deve ser feita uma instalação que utilize conceitos de semiótica e demais estudos para representar o tema: "pessoas em situação de rua". Em seguida a instalação, que deve servir de conscientização, deve ser realizada uma campanha convidando o público a doar produtos de higiene pessoal (sabonete, absorvente feminino etc.).

QUANDO - a instalação deve ser feita para durar 1 semana. Em seguida, a campanha deverá durar também por uma semana. Os produtos arrecadados serão doados para uma instituição que assiste pessoas em situação de rua.

ONDE - a instalação deverá ocorrer em espaços públicos do campus. A peças devem ocupar espaços de passagem e de permanência, e deverão ser instaladas de maneira que tenham a maior visibilidade possível.

POR QUE - o principal objetivo da instalação é a de convidar os membros da comunidade do campus a participarem ativamente da instalação, discutindo, refletindo, argumentando, mudando atitudes.

COMO - as peças da instalação devem representar a realidade das pessoas em situação de rua. Ao trazer para o ambiente do

campus, a instalação deve se tornar em elemento que promova a discussão. A quantidade de peças, permitindo uma ampla visibilidade da instalação é fundamental. As peças devem ser de execução rápida, fácil, barata. A estética a ser adotada é a estética de rua.

3.3 A criatividade

O design é uma prática que valoriza a criatividade, que ocorre em um momento de percepção do designer de algo significante, e não há garantia que este evento venha a ocorrer durante o processo de design. Por exemplo, os alunos relutaram muito quanto a proposta de estética de rua, para contrapor a estética de design de espaços urbanos hegemônica. A estética da instalação foi algo que gerou diversas discussões em sala de aula: como fazer uma campanha de "Design" para representar algo que é feio. Mas Niemeyer (2016, p.18) nos diz que o Design evoluiu: além de produtos formalmente agradáveis, o Design passou a incorporar a significação: "o produto carrega expressões [...] e difunde valores e características culturais no âmbito que atinge.

Houve uma aplicação da proposta do *Kalós*, de Peirce, colocando-se o papelão e o sujo no âmbito estético, como aquilo que pode estetizar o signo dando-lhe uma importância de estranhamento que conduz a um sentido da pessoa em situação de rua mais complexa. Ocorre, portanto, uma quebra da norma, em que a estética deixa de ser admirável por si só, e passa a fazer parte do signo como uma maneira de estetizar os signos dando-lhe uma complexidade que abarca a mensagem, e, por conseguinte, o interpretante. A estética usada foi a de rua, conforme mostra parcialmente a figura 4.

Observa-se na figura 4 o uso abundante de papelão na instalação, seguindo a estética proposta. Não havia faixas anunciando a instalação e seus objetivos, não havia cartazes explicando as peças. O estranhamento dos aprendizes ao criarem as peças foi uma aprendizagem importante, pois mostrou como adequar a linguagem ao código para que esta sirva à mensagem.

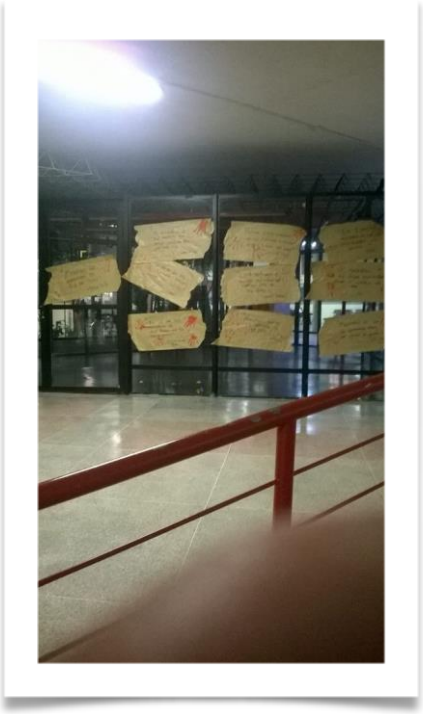


Figura 4: A estética do papelão.

Como vimos na Figura 4, usou-se o papelão na medida que o mesmo representava a situação real. Por exemplo, uma situação muito comum na região metropolitana da instituição de ensino que leva as pessoas a condições extremas de ocupação do espaço da rua é o fato da coleta de lixo ser feita pelos catadores. Durante a pesquisa para a criação da instalação, os alunos constataram esta realidade, conforme mostra a figura 5:



Figura 5: Carrinho usado pelos coletores de lixo na região metropolitana.

Por um lado, este procedimento abre oportunidade de trabalho. Por outro, o rendimento financeiro desta atividade é muito baixo, exigindo do trabalhador um volume de trabalho muito alto, com coletas realizadas várias vezes, em diversos locais. Se por um lado, o signo que se usa é o de que este trabalhador já tem um emprego, pode-se chegar ao conformismo de não se ter que discutir as condições deste trabalho e a capacidade do trabalho proporcionar formas de vida dignas. É comum que estes trabalhadores não consigam retornar a seus lares, ou porque estão muito distantes, ou porque não arrecadaram o suficiente para as despesas de locomoção. O mesmo problema pode ser observado em outras atividades, tais como a das varredoras de rua.

A figura 5 mostra uma realidade com que se depararam os alunos em suas investigações sobre o tema para a criação da instalação. Os coletores de lixo tiram o seu sustento da rua, mas nem sempre têm condições de retornarem a seus lares. Alguns às vezes deixam o seu carrinho de coleta em locais públicos, para retomarem o trabalho posteriormente. Este fato mostrou aos alunos as diferentes situações que levam uma pessoa a se sujeitar às condições de rua. Certamente nem todos os alunos tinham este entendimento, e consideraram importante comunicar esta realidade na instalação.

3.4 A implementação

Os interpretadores foram deixados às suas próprias semioses a partir da instalação. As peças foram criadas conforme preconizado por Eco (1986): um chamado de despertar. A disposição das peças dentro dos lugares de encontros da universidade (corredores, passagens, bancos, jardins, pátio etc.) foi delirada. As peças foram dispostas de maneira bem espalhada, dispersas, em diversos lugares, para servir à mensagem de que as pessoas em situação de rua também pertencem a estes e outros espaços públicos, que eles não são invisíveis, que eles são seres humanos, e que fazem parte da comunidade. Os signos foram projetados para iniciar a semiose de práticas sociais: as peças representavam pessoas

que estão passando por uma experiência de precariedade que na maioria das vezes é causada pela sociedade. A figura 6 mostra uma de quatro peças semelhantes: o que parece ser uma pessoa dormindo, com o lençol pichado com a palavra "despreso" (sic). As outras tinham palavras como "invisível", "descaso", "indignidade".



Figura 6: "Desprezo".

A figura 6 mostra exemplo destas quatro peças, que provocaram as mais diversas reações: "eu levei o maior susto", "eu fiquei com medo", "parecia que havia um corpo ali no pátio", "eu vim pela entrada principal, e só fui entender quando vi o outro 'corpo' no pátio" foram os comentários suscitados.

Estudou-se a produção semiótica dos signos de Eco (1986) para criar peças que servissem ao propósito. Os interpretadores foram assim chamados a criarem seus próprios significados em relação à representação feita. Procurou-se criar peças carregadas de elementos que permitissem o seu entendimento, e que iniciasse o processo de semiose – elementos de cultura, de realidade, de situações reais das ruas em ambientes fora da universidade, de contexto (ou , como foi o caso, de elementos fora de contexto, pois não há pessoas em situação de rua dentro da universidade).

Atribuição de significado é o processo pelo qual as peças da instalação foram sistematicamente associadas com as percepções dos interpretadores do problema social exposto. Comunicação é o processo pelo qual o indivíduo usa o sistema de significações. Criação de conhecimento ocorre via semiose: um processo ilimitado de produção de signos (PEIRCE, 2008). Estes processos são similares ao conceito de enciclopédia, de Eco (1986): o significado de uma proposição inclui sua dedução, porque toda unidade semântica implica todas as enunciações em que ela esteja imersa, e toda inferência é permitida baseada no registro enciclopédico de conhecimentos (individuais e coletivos).

A semiose é um processo ilimitado porque não há como determinar caminho, conteúdo etc., e embora alguns elementos possam iniciar a semiose, pessoas diferentes tomarão caminhos diferentes. Isto torna o cuidado que se deve ter com o design de comunicação ainda mais crucial: deve-se incluir a cultura, o contexto de uso, o processo de produção de signos, o ambiente etc. A seguir, discutimos brevemente as aplicações das soluções à realidade, bem como os fundamentos de trabalho durante a fase de design, que foram averiguadas pelo survey.

4. AVALIAÇÃO

Os alunos da disciplina participaram do processo de avaliação de desempenho da disciplina, e autorizaram a publicação das imagens e dos resultados desta avaliação. A validação da aprendizagem, materializada na instalação, se deu em três momentos: primeiro, os alunos foram convidados a se manifestar sobre o processo de criação da instalação. Durante a avaliação, alguns interpretadores puderam se manifestar em relação ao impacto da instalação, e por fim, a avaliação também se deu por meio de hipóteses de pesquisa que foram testadas junto aos interpretadores. Peirce (2008) considerava o estudo de toda e qualquer coisa como um estudo semiótico: a instalação foi uma materialização de signos semióticos planejados para gerar discussões a respeito das pessoas em situação de rua, suas condições, e as re-significações dos interpretadores a partir das peças propostas. Conforme Candy e Ferguson (2014) há um crescimento de interações e participações em instalações como uma coisa pública, que ocorre nas escolas, nos teatros, nas galerias, nos museus entre outros lugares.

O desafio dos alunos da turma de semiótica era criar peças que servissem de signos que permitissem a participação dos interpretadores. Em outras palavras, foi considerado que os interpretadores se apropriassem da instalação, tomassem parte dela, e iniciassem discussões e processos de atribuição de significados. As interações, análises e discussões sobre as peças da instalação transformaram os interpretadores de observadores passivos em participantes ativos, mudando assim a natureza da experiência promovida pela instalação (CANDY e FERGUSON, 2014). Além de trazer o elemento de interação, o tema e o conteúdo da instalação foram planejados para convidar à participação.

De acordo com Jacobson (2000), mais do que simplesmente expor as peças, a instalação foi estruturada por todos os espaços públicos da universidade, para atingir o maior número de interpretadores, e causar o máximo de impacto. Procurou-se compartilhar o conhecimento codificado nas peças para aumentar a experiência e oferecer oportunidades de significação. As peças foram confeccionadas de forma a mais realista possível – a ponto de alguns interpretadores confundirem algumas delas com pessoas reais, e tentarem interagir com elas.

O pouco texto que acompanhava as peças era composto de pequenas frases motivacionais ou hashtags (como #MinhaCasa, #Respeito entre outras), tão em voga nas mídias sociais. Desta forma, os interpretadores faziam suas significações baseados nas peças. As avaliações dos significados consideraram o contexto em que as peças foram criadas e a maneira como foram expostas.

Desta forma, temos o nosso primeiro pressuposto de validação e questão de pesquisa: uma instalação provocativa, relacionada a um tema polêmico, desconstrói o espaço em que ocorre, instigando o interpretador a interagir.

H1a: A instalação, estruturada sobre um tema social polêmico, causou impacto

a) a instalação chocou porque parecia que havia pessoas reais dormindo no campus
b) a instalação representou alguns aspectos reais sobe o tema social
c) é importante ter instalações sobre temas sociais

H1b: A instalação, estruturada sobre um tema social polêmico gerou reflexões

a) a instalação me fez pensar sobre pessoas em situação de rua
b) a instalação me fez pensar em maneiras de ajudar pessoas em situação de rua
c) a instalação me fez questionar as minhas crenças sobre pessoas em situação de rua

De acordo com Bergman (2009), um estudo semiótico investiga a ação mais comum de um signo entre os seres humanos, a comunicação ocorrida; isto porque, antes mesmo de ser formulado explicitamente, o signo aparece na mente do enunciador como um pensamento. A instalação foi pensada para obter o engajamento dos interpretadores de maneira que estes pudessem refletir sobre seus valores e comportamentos e aqueles da sociedade como um todo em relação à temática proposta, e pensar em possibilidades de ações que pudessem ser tomadas. Como já dito, retomou-se aqui a estética escolhida, que foi a estética de rua, para representar as pessoas, e consistia em caixas de papelão, sacos de lixo, carrinhos de supermercado, roupas rasgadas, panos, o transitório e o precário, o real: signos que trouxessem um objeto imediato que se aproximasse da realidade, tornando visível a condição que, de outra maneira, seria um interpretante do invisível, do descartável, do incômodo, e, portanto, de algo que deveria ser excluido, eliminado. A figura 7 mostra esta estética.



Figura 7: A precariedade e a impermanência retrataras na instalação.

A figura 7 apresenta os aspectos de transitoriedade e precariedade que foram teorizados como pertencentes ao universo das pessoas em situação de rua: um pedaço surrado de carpete abandonado por "alguém" que supostamente havia passado a noite ali. O objeto, que serviu de local para dormir, teria sido deixado no dia seguinte, liberando a pessoa para que ela pudesse ir para outras paradas – pois a pessoa em situação de rua dorme onde se encontra, e muito provavelmente não retornaria a este lugar, e a este objeto, que lhe foi útil, mas não lhe pertence – tão descartável quanto a própria pessoa que o usou.

Como dito, o processo de entendimento e aceitação desta estética não se fez sem muitos questionamentos por parte dos aprendizes, o que trouxe um ganho educacional: a codificação de um signo serve à mensagem a ser passada. Várias linguagens são possíveis. Algumas mais eficientes que outras. A escolha da estética foi feita para ser o gatilho das experiências, das discussões; e para facilitar o reconhecimento de uma condição do mundo real. A abordagem que justifica esta escolha estética se dá por suas possibilidades interpretativas e comunicacionais (PEIRCE, 2008).

A instalação foi bem-sucedida em provocar surpresa pelo inusitado do tema, e por não ter material de apoio explicativo. A instalação foi realizada nas áreas de grande circulação – áreas com dinâmicas próprias de encontros, com peculiaridades e interações sociais que dão lugar ao espaço – o que permitiu um diálogo com a instalação por contraste. As peças eram um lembrete incômodo, constante, invasivo, que transformaram estes espaços em pontos de re-significação. A instalação simula o que pertence ao espaço e o que não pertence, transcendendo desta forma as fronteiras artificiais da comunidade do campus. Várias das peças foram construídas com materiais concretos, planejados para servir à mensagem. O conceito de mediação em Peirce diz que a ação é simbólica, e a interpretação vem de possíveis semioses, não diretamente, mas por tudo que se apresenta de maneira geral pelo signo proposto. Objetos produzem efeitos (ANDACHT, 2005). Mullet e Sano (1995) nos dizem que a criação de múltiplos signos deve levar em conta a sua coesão (de contexto físico, conceitual e cultural) na qual as imagens vão ser expostas. O domínio destes aspectos é apontado pelos autores como sendo mais importante do ponto de vista comunicacional do que a habilidade artística de produção. Estes entendimentos provenientes da semiótica nos impelem a investigar a maneira como a escolha do código do signo serviu para facilitar o entendimento da mensagem porque permitiu ao interpretador decodificar o significado.

H2: A estética de rua causou estranhamento

a) a instalação me pegou de surpresa
b) a instalação fez sentido pela semelhança com a realidade
c) o realismo das peças chocou

H3: O estranhamento causado pela instalação me fez pensar sobre o tema

a) eu reconheci na instalação as situações concretas da rua
b) a instalação era representativa da condição das pessoas na rua
c) eu parei para tentar entender as razões por trás da instalação

De acordo com Eco (1986), os signos semióticos possuem uma convenção social de significação; eles são parte de um processo comunicacional, capazes de inovação, e se manifestam pela competência discursiva (ou seja, pelo conhecimento prévio, contexto etc.). O autor nos diz que há quatro modos de produção de signo: o custo (de reconhecimento); o type-token (conhecimento cultural); continuum (referência ou conteúdo similar à expressão) e a complexidade da articulação. Estes parâmetros são usados na criação dos signos, nas oportunidades de generalização, na homogeneidade do signo em relação ao seu referente e o código usado e sua interpretação. Entendeu-se que os signos criados usando estes parâmetros auxiliam no processo comunicacional.

H4: Os signos criados usando conceitos de produção de signos auxiliam no processo comunicacional

a) as peças da instalação me remeteram à situação real
b) as peças da instalação eram fáceis de serem compreendidas
c) as peças da instalação representavam a realidade das pessoas em situação de rua

H5: Os signos produzidos com elementos socialmente conhecidos facilitam a significação

a) foi fácil interpretar as peças da instalação
b) eu já havia visto situações similares às das peças da instalação
c) o tema da instalação faz parte do cotidiano da cidade.

A averiguação das hipóteses foi feita por meio de um survey online. Usou-se um software livre de amplo acesso e uso na universidade. Ninguém foi informado sobre a pesquisa – todos os participantes voluntários acharam a pesquisa pelas conversas com colegas, e consentiram em participar (a condição para responder ao survey era a de concordar com o termo de aceite). Duzentos e sessenta e dois (262) interpretadores, membros da comunidade acadêmica que tiveram acesso à instalação, responderam ao survey. No início do survey, foi apresentado um pequeno Cenário (Carroll, 2003) explicando que a instalação representava as pessoas em situação de rua, com objetivo de promover debates, comentários, reflexões sobre o tema. Foi dito também que a sequência seria uma campanha para doações de material de higiene pessoal, sobretudo absorvente feminino. Não houve compensação, e todos deram seu consentimento em participar. Os respondentes chegaram ao questionário de forma espontânea.

O questionário era composto pelas hipóteses, e pelos três itens de cada hipótese. Usou-se uma escala likert (1932) de cinco pontos (Cronbachs' $\alpha = 0,93$). Cada uma das perguntas dizia respeito às hipóteses levantadas anteriormente. Aos respondentes eram apresentadas as afirmações, e eles marcavam as alternativas: 1 - discordo totalmente; 2 - discordo; 3 - neutro; 4 - concordo; 5 - concordo totalmente.

A Figura 8 mostra uma das fotos tiradas da instalação que acompanhavam o survey. O signo foi criado tendo como objeto imediato a simulação de uma cama possível de ser encontrada em um quarto de uma casa (supostamente confortável, iluminada, ensolarada, e até mesmo com uma televisão). O signo imediato, no entanto, seguindo a estética proposta, possibilita um interpretante que leva em conta a inclusão/exclusão.



Figura 8: Foto de uma das peças ilustrando o formulário do survey.

Em um segundo momento, os pesquisadores percorreram o campus para observar os interpretadores. Cinco interpretadores se voluntariaram para uma entrevista semi-estruturada a respeito da motivação dos respondentes em observar a instalação, quais as experiências e sentimentos ocorrera.

5. RESULTADOS

A seguir, apresentamos os resultados da avaliação da disciplina feita com os alunos; os resultados do survey realizado com os respondentes voluntários, membros da comunidade do campus onde foi realizada a instalação. Apresentamos a média obtida pelo uso da escala likert, e o desvio padrão. E finalmente as falas obtidas durante as entrevistas semi-estruturadas.

5.1 O que disseram os alunos

Como encerramento da disciplina, em um processo de fixação, análise e reflexão, houve uma roda de discussões sobre as aprendizagens tanto da teoria quanto da prática, em que os participantes consentiram em responder. A seguir, reproduzimos os principais entendimentos e comentários dos alunos. Quando perguntados sobre o que os motivou a participarem do projeto, e qual eram as expectativas. Os alunos disseram que achavam importante aprender um conteúdo e aplicar em uma situação concreta, que fosse do mundo real, e que pudesse provocar impacto devido à importância e o inusitado da proposta e da temática.

Quando perguntados se as expectativas foram atendidas, os alunos disseram que a experiência foi rica, sobretudo no entendimento da adequação da representação à mensagem a ser comunicadas. Principalmente, houve uma relutância inicial em aceitar a estética do papelão, que lhes parecia contrária a uma solução de design. Para muitos, este entendimento só veio realmente ocorrer quando observaram o impacto que a instalação que eles criaram havia provocado.

Vários alunos manifestaram uma gama de emoções durante a criação da instalação: choque, desconforto, estranheza, culpa, tristeza, preocupação com as pessoas em situação de rua. Para muitos, a experiência foi além das expectativas, com oportunidades de reflexão pessoal e no fazer do design como ferramenta de mudança social. Houve uma curva de aprendizagem, que se mostrou árdua enquanto acontecia, mas produtiva ao ser vista em retrospectiva.

Um aluno se sentiu emocionalmente imerso na instalação, o que lhe abriu uma nova perspectiva de vida. Outros perceberam as mudanças em suas próprias atitudes e formas de agir ao interagirem com os interpretantes da instalação. Os alunos relataram que foi bastante edificante a interação deles com os demais interpretantes, que eles perdiam a noção do tempo quando refletiam sobre as peças da instalação com os demais alunos, professores e funcionários do campus. Nestas interações, eles já não eram mais os criadores, mas eram também representantes tanto da sociedade quanto das pessoas em situação de rua, por quem criaram um novo entendimento.

Um aluno manifestou que praticamente nunca havia feito um uso tão bom de uma disciplina. A proposta de desconstrução do espaço na instituição, a metodologia aplicada e os resultados obtidos permitiram uma maior sensibilização quanto ao tema e a disciplina.

Vários alunos se mostraram satisfeitos com o fato da instalação ter criado oportunidades de questionamentos mais aprofundados, que nem sempre são feitos, e que isto garante uma produção de conhecimentos emancipatórios.

Observou-se que o Design é amplo, e não se restringe ao gráfico e ao produto, e que há maneiras criativas de atingir objetivos, e que ao se criar algo em design, deve-se considerar o impacto que a solução irá causar. Levantou-se a necessidade de incorporar as sensações obtidas no projeto em suas práticas de design - o design serve para abrir mentes.

A liberdade de apropriação do tema foi um dos aspectos mais realçados. Fugiu-se das metodologias clássicas de ensino e aprendizagem do design.

5.2 Respostas às perguntas do survey

De acordo com os respondentes, podemos concluir pela hipótese H1a (que teve uma média de 4,54 com desvio de 0,79) o que nos leva a entender que os respondentes acharam a instalação importante, que as peças pareciam reais e chocantes em alguns casos; e que a instalação foi considerada uma surpresa e fez com que os interpretadores buscassem dar significado às peças e à instalação.

Quanto à hipótese H1b (4,84/1,1), os respondentes dizem que a instalação permitiu a ressignificação do que eles achavam que seria a realidade das pessoas em situação de rua, que as peças instigaram este processo e foi base de conversas, debates e discussões.

Os respondentes entenderam a estética de rua, próxima à realidade, e as respostas para a H2 (4,8/0,9) mostram que embora tenha causado um estranhamento inicial, o resultado final os levou a pensar e participar da instalação, conforme as respostas obtidas para as perguntas da hipótese H3 (4,9/0,9).

Os respondentes indicaram que os signos criados da forma como o foram facilitaram o entendimento das peças – o que confirma a hipótese H4 (4,32/1,3). Obtivemos também dos respondentes que o elemento de surpresa, o uso de elementos conhecidos do dia a dia levou a uma significação – indicando pela confirmação da hipótese H5 (4,12/1,6).

5.3 O que disseram alguns interpretadores

Durante o evento, alguns interpretadores se voluntariaram para participar do processo de avaliação da instalação. Os voluntários consentiram na publicação de seus relatos.

A respondente um disse que foi pega de surpresa ao chegar na universidade. A primeira peça que ela viu foi a que ela achou ser um corpo de uma pessoa dormindo, coberto com um lençol escrito "despreso" (sic). A instalação se tornou de imediato o centro da atenção pelos próximos minutos, à medida que ela foi vendo as demais peças, e procurava entender do que se tratava. Ela foi levada a pensar sobre o próprio comportamento em relação ao tema, e iniciou diversas conversas com os demais interpretantes que também observavam as peças.

A princípio, o respondente dois achou as peças muito realistas: elas pareciam sujas. Somente quando observou mais de perto, e viu mais peças, foi que percebeu que se tratava de uma instalação, que não era real. A sua experiência em relação à instalação foi de sensibilização, e de uma nova perspectiva sobre o tema. Ele andou pelo campus para ver as demais peças. No processo, ele parava para discutir com os demais interpretadores. A cada nova peça, o seu entendimento da mensagem da instalação aumentava.

O respondente três era um aluno do curso de bacharelado em Design, e reconheceu a instalação como sendo proveniente do curso. Ele comentou que nunca havia tido uma experiência de aprendizagem tão rica como aquela, sobretudo porque a estética de rua desconstruiu a imposição do belo nos trabalhos de design. Completou dizendo que a instalação serviu para conversas mais sérias e maduras a respeito do tema.

O respondente quatro ficou bastante apreensivo, porque estava chovendo quando ele chegou no campus, e achou que havia alguém dormindo do lado de fora. Ele tentou "acordar" a pessoa, e só então percebeu que não era uma pessoa real. Após o choque iniciou foi que ele pode observar que havia mais peças do mesmo cunho espalhadas pelo campus, e as instalação começou a fazer sentido para ele. Ele sentiu vontade de participar, interagir com os demais interpretadores, conversar. Ele disse estar acostumado com este tipo de intervenção no campus, principalmente do curso de Design, mas que eram sempre peças de beleza, e não da realidade crua – tanto que ele não costumava dar muita importância a elas. Para ele foi uma experiência que vida e arte que não faziam parte do seu "radar", o que fez com que ele saísse da sua "zona de conforto". A instalação ganhou um cunho mais pessoal, e ele disse ter empatia com as pessoas em situação de rua: a precariedade e a fragilidade despertaram sentimentos fortes que o levaram a uma autoanálise sobre os próprios conceitos.

O respondente cinco disse que a instalação foi uma experiência única para ele pela surpresa de ver a representação de pessoas em situação de rua dentro do campus. Ele disse ser uma experiência mais rica do que a de uma sala de aula. Ele sentiu um certo desconforto pelo inusitado da ideia, e temeu que a direção da universidade pudesse censurar, e mandar recolher. Ele sentiu empatia, e também interagiu com os demais interpretantes. A instalação provocou reflexões sobre os seus próprios limites, e sobre os privilégios que tem em sua própria vida.

5.4 Campanha de arrecadação de doações

Após a instalação, os aprendizes propuseram que se fizesse uma campanha para arrecadação de objetos de higiene pessoal (sabonete, desodorante, pasta de dente e absorvente feminino. A turma como um todo discutiu os aspectos semióticos das campanhas tradicionais sobre o tema. Se o objetivo da instalação era compreender como os signos podiam levar a interpretantes indesejáveis, temos que a campanha se propunha a criar signos que convergissem para a solidariedade, a empatia, a ação humana. A Figura 9 mostra uma nuvem com os conceitos mais presentes nas mensagens de campanhas de doação cujo mote é a piedade:



Figura 9: Nuvem de conceitos presentes nas atuais campanhas de arrecadação de doações - que se baseiam caridade.

No que se refere às campanhas, vários conceitos foram debatidos: o caráter religioso (fonte da maioria das campanhas) que se vale de sentimentos de culpa, compaixão, pena. As campanhas pedem, e os doadores doam o usado, o que já não serve mais, o que eles (os doadores escolhem dar) – sem considerar as reais necessidades de quem vai receber a doação. É a doação do resto, do estragado, do velho. O caráter benemérito aparece sob a forma de obrigação – obrigação esta pautada no sentimento de pena mais do que caridade. Há uma mensagem de que quem doa é/está superior, em vantagem em relação a quem recebe, a quem precisa. As várias ideias de imagens, frases e abordagens para a campanha acabavam se revelando fortemente influenciadas por esta visão, que desconsidera o sujeito inferior em relação à boa ação de quem doa.

Os signos criados partiram de um objeto que se sobrepõe à pessoa em situação de rua no sentido de que são seres humanos, sujeitos às mesmas necessidades que todos nós. Circunstancialmente, todos já passamos pela experiência de precisar de um artigo de higiene. Portanto, o objeto imediato do signo proposto mostra esta necessidade, e se propõe a gerar um interpretante de empatia e solidariedade. A

representação proposta no signo é a da necessidade humana básica de higiene pessoal, e das dificuldades encontradas pela pessoa em situação de rua em ter acesso aos produtos e que supram esta necessidade.

A figura 10 apresenta uma sugestão de produtos a serem doados.



Figura 10: #AçãoDoCoração.

A proposta da #AçãoDoCoração mostrada na figura 10 representa um dos conceitos levantados: se a representação não considera a pessoa em situação de rua como um ser humano, membro da humanidade, pode-se ter um interpretante de que elas são inferiores. Esta pretensa superioridade desconsidera o fato dos privilégios, que são negados às pessoas em situação de rua: a eles são negados os benefícios da sociedade, e eles são considerados excluídos por não contribuírem para a sociedade a não ser de forma negativa.

Retomou-se na produção desta peça a representação de que as pessoas em situação de rua são um peso para a sociedade. Este interpretante cruel, gerado pelas relações ilegítimas, pode ser modificado, quando se compreende o objeto a ser representado sob o prisma da condição humana. Buscou-se, então, criar signos cujos representantes se afastassem deste conceito, e representassem as pessoas em situação de rua como seres humanos, passíveis de todas as mesmas necessidades. Buscou-se um interpretante que convidasse a inclusão e o compartilhamento de bem-estar.

O prisma usado para focar o fenômeno foi usado como metáfora dos diversos objetos imediatos possíveis de serem usados para representar o objeto - assim como uma montanha pode ser representada pela sua sombra, pelo topo, vista na sua totalidade, ou em sua parte etc., os signos da campanha também poderiam ser criados a partir de diversos prismas. Cada um dos objetos imediatos usados propõe uma visão da realidade que abre as possibilidades interpretativas. No caso da #AçãoDoCoração, a representação era a de solidariedade.

Usou-se muito o recurso das chamadas "hashtags", proveniente das mídias sociais, que representam um tema, um conceito, um tópico. Por exemplo, temos #HigieneÉParaTodos e #AçãoDoCoração. As representações, enriquecidas pelas hashtags, tornavam os possíveis interpretantes mais adequados - não se estava pedindo esmola nem soluções definitivas para o tema, mas, antes, solicitava-se um entendimento e uma participação efetiva para mitigar alguns dos problemas.

Algumas peças procuraram mostrar a importância de algumas necessidades básicas, que tomamos por certo em nossas vidas, mas que são inacessíveis para muitos, conforme mostra a figura 11, com a hashtag #HigiêneÉParaTodos.



Figura 11: Imagem formada a partir de conceitos da semiótica estudados para a campanha proposta de arrecadação.

Após terem entendido com a instalação de que as soluções de Design passam pela mensagem, houve uma mudança de atitude dos alunos, e a criação dos signos foi melhor elaborada. Até mesmo o termo "Solidariedade", tão usual neste tipo de campanha, ganhou uma nova significação – a de compaixão, e não mais a de "caridade" por piedade ou para "desencargo de consciência". Estabeleceu-se que não se desejava despertar a piedade na campanha. Buscou-se contrapor esta visão com a visão de empatia (de se colocar no lugar do outro). A figura 12 mostra um dos cartazes produzidos neste sentido:

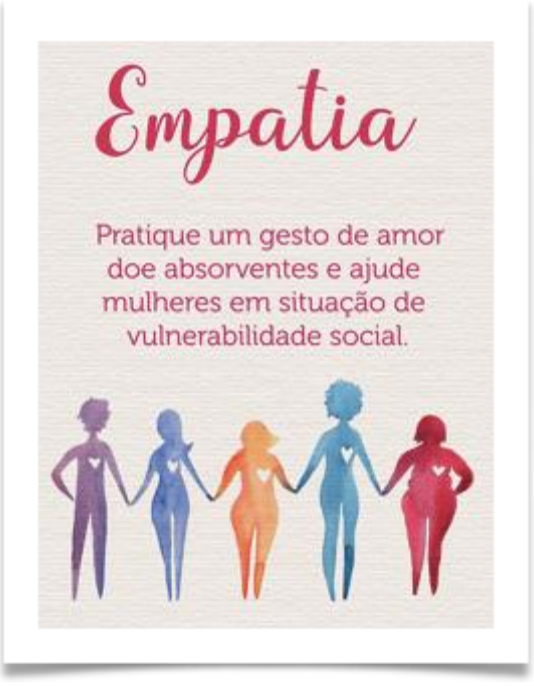


Figura 12: Uma chamada pela Empatia.

Os aprendizes participaram de debates em que foram introduzidas duas definições. Primeiro, foi discutido Bauman (2003), que ao analisar a comunidade, nos lembra do atrito existente entre a segurança que ela oferta e pela qual anseiam seus membros, e o preço que ela cobra, sob a forma diminuição da autonomia, do diminuição do direito à identidade. O autor fala de dois tipos de comunidade: a estética (cujos laços são frágeis, que se evaporam) e apregoa uma mudança para uma comunidade ética (quem venha a ser um compartilhamento fraterno). Desta forma, somos todos seres humanos:

> Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (BAUMAN, 2003, p. 134).

De acordo com Bauman (2003), devemos começar a discutir uma nova forma de organização social. E a Solidariedade, para além da segurança da comunidade, é um ambiente de Esperança, Empatia, Dignidade. Estes temas foram adotados para a produção de signos para a campanha. A doação de produtos de uso pessoal, tal como absorventes, é um ato que pode contribuir para, ao menos, melhorar um pouco a qualidade de vida dessas mulheres, segundo Béga (2013, p. 35): "A mulher que está na rua está muito abaixo do homem em uma escala social, e aí podemos pensar o que as políticas públicas estão fazendo para proteger as mulheres, quais os mecanismos familiares põe estas mulheres na rua".

Esta discussão levou à compreensão de que as necessidades da mulher são universais, e são, em sua maioria, suprimidas, sobretudo quando se trata da questão da higiene da mulher em situação de rua, com impacto direto na sua dignidade. A representação da condição feminina, de sua necessidade de higiene e a importância destes temas para a dignidade humana foram usadas na criação dos signos. A Figura 13 mostra cartaz especificamente criado para arrecadar absorvente feminino:



Figura 13: Uma chamada pela Dignidade.

Em um segundo momento, apresentou-se o conceito de solidariedade social, de Durkheim (2012), em que os indivíduos precisam de laços de união, sem a qual não haveria vida social. A consciência coletiva é a responsável pela formação de nossos valores morais, compartilhados, da noção do certo e do errado: estes valores são transmitidos de geração a geração. Para o autor, a duas formas: a) a solidariedade mecânica se refere aos laços ligados diretamente à sociedade, em que o social prevalece sobre o individual. O individual é o orientado pelas imposições e proibições sociais coletivas. O pertencimento se dá sem características individuais marcantes; b) a solidariedade orgânica ocorre quando de uma maior individualização, em que o indivíduo é parte do coletivo e desempenha um papel (divisão de trabalho). Há nesta forma de solidariedade uma interdependência em que todos são importantes, e executam tarefas que trazem benefícios mútuos nas relações. Optou-se por frases que acompanhassem estes conceitos, como mostra a figura 14.



Figura 14: A sua vida se torna mais doce quando você ajuda a amenizar os problemas do outro.

A figura 14 representa uma realidade transformadora pela ação de responsabilidade social. Esta mesma representação se faz presente nas caixas de coleta que seguiram a estética da instalação (papelão), conforme a figura 15.



Figura 15: Caixa de arrecadação de escovas de dente.

A figura 15 mostra uma das várias caixas de coletas, mais especificamente a de coleta de escova de dentes. Os ícones usados na criação deste signo remetem aos elementos presentes na campanha como um todo (as necessidades, a escova de dente, o coração) e propunham um signo de participação.

Uma das frases usadas na campanha foi: "O que você faz para recomeçar", e mostrava uma série de produtos de higiene pessoal usados pela manhã, para recomeçar um novo dia, fazendo um paralelo com as oportunidades das pessoas de rua recomeçarem a sua vida. Uma das hashtags usadas nas mídias sociais foi #AçãoDoCoração.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Metodologia de Problematização proporcionou um processo de ensino e aprendizagem de semiótica, exemplificado no tema "pessoas em situação de rua", e mostrou-se adequada para o ensino de semiótica em cursos superiores de Design. A partir da realidade percebida de que as pessoas em situação de rua são invisíveis (i.e. não pertencem à nossa comunidade) deu-se início ao processo.

Aprendeu-se que fronteiras impenetráveis, limites intransponíveis, arquitetura hostil e outras estratégias são projetadas para manter as pessoas em situação de rua distantes (fisicamente, de preferência; e distantes de nossas preocupações, dado o incômodo que elas nos trazem). As crianças que vendem balas e pedem dinheiro nos sinais de trânsito são uma visão tão banal no nosso cotidiano urbano que já não se presta mais atenção a elas. As consequências desta realidade em nós são duras: não mais paramos para dar a devida atenção a esta condição inumana, prova cabal do desprezo da sociedade no que se referem aos seus excluídos. Algumas destas pessoas não existem nem mesmo no papel. Estas realidades podem ser corriqueiras, mas certamente não são banais, nem deveriam ser consideradas "normais".

Usaram-se como base da instalação os conhecimentos de semiótica, design, e os entendimentos (certos e errados) da comunidade em relação a estas pessoas. Evidenciou-se que muitos comportamentos, políticas públicas e práticas por vezes cruéis e desumanas, e certamente preconceituosas podem ter suas origens traçadas a signos cujo objeto imediato reflete um desconhecimento da realidade. A semiótica como ferramenta de design ajuda a elucidar, esclarecer, explicar o problema - no caso específico, o de um *representamen* ilegítimo que leva a ações que menos que resolver, agravam a situação. Resolveu-se criar uma instalação no campus da universidade para chamar a atenção e proporcionar discussões que trouxessem a conscientização do problema, e instigasse a ação por parte dos interpretadores.

A instalação se valeu de conceitos da semiótica para remover este automatismo do não-olhar com que a sociedade trata das pessoas em situação de rua – ao trazer esta realidade para o ambiente do campus universitário, as discussões se fizeram para se pensar em formas de trazer dignidade, respeito e um pouco de humanidade a todos. A campanha arrecadou centenas de produtos que foram doados para uma organização não-governamental que trata de pessoas em situação de rua.

Foram validadas as hipóteses de como o design e a semiótica podem desempenhar um papel de ajuda de entendimento de problemas sociais relevantes, pois a instalação sobre tema polêmico gerou reflexões entre os alunos e demais membros da comunidade acadêmica; os alunos tiveram a oportunidade de adequarem a estética do design ao tema proposto, e observaram que, apesar de causar estranhamento, serviu para incentivar os demais colegas a participarem ativamente da instalação proposta. Os signos, construídos a partir de conceitos semânticos auxiliaram no processo de comunicação, e por serem socialmente compartilhados, facilitaram a significação da instalação.

Para a próxima edição da disciplina, o tema vai ser a representação da condição dos Surdos, e da Libras (Língua de Sinais Brasileira).

REFERÊNCIAS

[1]. AGAMBEN, Giorgio. *The State of Exception*. Chicago, IL: University of Chicago Press. 1993.

[2]. ALLISON, Anne. Ordinary Refugees: Social Precarity and Soul in 21st Century Japan. *Anthropological Quarterly,* v. 85, n. 2, p. 345-370, 2012.

[3]. AMBROSE, G., HARRIS, P. *Design Thinking*. Porto Alegre: Bookman. 2011.

[4]. ARNOLD, K.R. *Homelessness, citizenship and identity: the uncanniness of late modernity.* Albany: State University Press of New York. 2004

[5]. AUSUBEL, D.P., NOVAK, J.D. e HANESIAN, H. *Psicologia Educacional.* Rio de Janeiro: Interamericana. 1980.

[6]. ALVES, Márcia Maria; BATTAIOLA, André Luiz. Design Centrado no Usuário e concepções pedagógicas como guia para o desenvolvimento da animação educacional. *Revista Brasileira de Design da Informação*. v. 11, n.1, p. 21—35, 2014.

[7]. ANDACHT, Fernando. Duas variants de representação do real na cultura midiática. *Contemporânea.* v. 3, n. 1, p. 95-122, 2005.

[8]. BAUDRILLARD, J*ean The precession of simulacra: Simulacra and simulations*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 1997.

[9]. BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa.* Rio de Janeiro: Bookman. 2009.

[10]. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011.

[11]. BAUMAN, Zigmunt *Wasted Lives: Modernity and its Outcasts.* Cambridge: Polity. 2003.

[12]. BÉGA, Maria Tarcisa Silva. *Letras e política no Paraná.* Curitiba: Editora da UFPR. 2013. v. 1.

[13]. BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da Problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. S*emana: Ci. Soc/Hum. v.16, n.2, Ed. Especial,* p. 9-19. 1995.

[14]. BEHRENS, Marilda Aparecida. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 80, n. 196, p. 383—403. 1999.

[15]. BERGMAN, Mats. *Peirce's philosophy of communication.* New York: Continuum. 2009.

[16]. BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *I Encontro Nacional sobre População em situação de rua.* Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/populacao-situacao-rua.htm Acessado em 28/06/2017.

[17]. BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves. O gendramento da infância através dos livros infantis: possíveis consequências em meninos e meninas. *PERSPECTIVA*. v. 33, n. 3, p. 915—932. 2015.

[18]. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva. 2007.

[19]. BRUNER, Jerome. *Actual minds, possible words*. Boston: Harvard University Press. 2006.

[20]. CANDY, Linda; FERGUSON, Sam. *Interactive experience in the digital age: evaluating new art practices.* Sidney: Springer. 2014.

[21]. CARROLL, John M. Making *Use: Scenario-based design of Human-Computer Interactions*. Boston: The MIT Press. 2003.

[22]. CILELA, S. Did you ever know that you're my hero? The power of storytelling. *Interactions VXVIII*. p. 620—666. 2011.

[23]. CURRY, Heather Renee. *A semiotic Phenomenology of Homelessness and the Precarious Community: A Matter of Boundary.* Ph.D. Dissertation. Department of Communication. University of South Florida, Miami. 2015.

[24]. CYRINO, Eliana Goldfarb; TORALLES-PEREIRA, Maria Lúcia. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. *Cad. Saúde Pública*, n.20, v. 3, p. 780—788. 2004.

[25]. DAVIDSON, Jane Chin. Affirmative Precarity: Ai Weiwei and Margarita Cabrera. *Journal of Visual Culture.* v. 12, n.1, p. 128-147. 2013.

[26]. DAY, Graham. *Community and everyday life.* London: Routledge. 2006.

[27]. DELEUZE, Gilles. *Difference and repetition.* New York: Columbia University Press. 1994.

[28]. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34. 1992.

[29]. DESSAINTES, M. *La construcción par insertion incidente (étude grammaticale et stylistique).* Paris: D'Arcy. 1960.

[30]. DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel.* São Paulo: Ática. 2012.

[31]. DURKHEIM, Émile. *A divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes. 2012.

[32]. ECO, Umberto. *La estructura ausente.* Barcelona: Editorial Lumen. 1986.

[33]. ELMORE, Phill. *The Homeless Threat: Dealing with Street People.* Syracuse, NY: PhilElmore.com. 2008.

[34]. FONSECA, Marília; FONSECA, Dirce Mendes da. A gestão académica da pós-graduação lato sensu: o papel do coordenador para a qualidade dos cursos. *Educ. Pesqui,* São Paulo, v. 42, n.1, p. 151—164. 2016.

[35]. FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify. 2007.

[36]. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

[37]. GARLAND, D. Punishment and welfare: a history of penal strangles. Aldershot: Gower. 1985.

[38]. GIOMBINI, L. Complex thoughts, conceptual maps and cmaptools. In. A. J. Cañas e J.D. Novak (eds.). *Conference on Conceptual Maps.* San José: Costa Rica. 2006.

[39]. HACKING, Ian. *The social construction of what?* Cambridge: Mass: Harvard University Press. 1999.

[40]. HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN; Adi; POSOCCO, Silvia. *Queer Necropolitics.* New York: Routledge. 2014.

[41]. JACOBSON, Roman. *Linguística e comunicação.* São Paulo. Cultrix. 2000.

[42]. LIKERT, Rensis. A Technique for the Measurement of Attitudes. *Archives of Psychology.* 140, 1–55. 1932.

[43]. LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez Editora. 1994.d

[44]. MILLER, Daniel. *Stuff.* Cambridge: Polity Press. 2010.

[45]. MULLET, Kevin; SANO, Darrell. *Designing Visual Interfaces: Communication Oriented Techniques*. NY: Prentice Hall. 1995.

[46]. NAKATANI, Adelia Yaeko Kyosen; CARVALHO, Emília Campos de; BACHION, Maria Márcia. O ensino de diagnóstico de enfermagem através da pedagogia da problematização. *Revista Eletrônica de Enfermagem (online)*, Goiânia, v.2, n.1, jan/jun. 2000.

[47]. NHCHC (2017) https://www.nhchc.org/faq/official-definition-homelessness/

[48]. NIEMEYER, Lucy. *Elementos de semiótica aplicados ao design.* Teresópolis: 2AB. 2016.

[49]. PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica.* São Paulo: Perspectiva. 2008.

[50]. PEREIRA, Adriana Lenho de Figueiredo. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. *Cad. Saúde Pública.* n. 19, v. 5. 1527—1534. 2003.

[51]. PETTY, James. The London spikes controversy: homelessness, urban securitisation and the question of 'Hostile Architecture'. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy.* n. 5, v. 1, 67—81. 2016.

[52]. RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. Acesso a embalagem do livro infantil. *PERSPECTIVA, v*. 23, n. 01, 115—130. 2005.

[53]. SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense. 2012.

[54]. SCOTT, J.C. *Seeing like a state: how certain schemes to improve the human condition have failed.* New Haven: Yale University Press. 1998.

[55]. SHALL, Virginia. Alfabetizando o corpo: o pioneirismo de Hortênsia de Hollanda na educação em saúde. *Cad. Saúde Pública*. n. 15, v. 2, 149—160. 1999.

[56]. VIDLER, Anthony. T*he architectural uncanny*. Cambridge, MA: MIT Press. 1992.

[57]. WALTHER-BENSE, Elisabeth. *A Teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Perspectiva. 2000.

[58]. WHITE, R. The making, shaking and taking of public spaces. In Jones C., Barclay E. e Maybe R. (eds.) The problem of pleasure: leisure, tourism and crime. 32—47. London: Duke University Press. 2012.

[59]. ZIZEK, Slavoj. *Event: a philosophical journey through a concept.* London: Penguin Books Ltd. 2014.